

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Programa Social: Direitos de Cidadania – Criança e Adolescente

Brasília – DF, 11 de outubro de 2007

Minha companheira Dilma Rousseff, ministra da Casa Civil,
Paulo Vannuchi, ministro dos Direitos Humanos,
Tarso Genro, da Justiça,
Fernando Haddad, da Educação,
Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,
Orlando Silva, do Esporte,
Luiz Antônio Souza, interino da Integração Nacional,
Luz Dulci, da Secretaria-Geral,
Matilde Ribeiro, de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,
Companheiros e companheiras deputados e deputadas que estão aqui presentes,

Minha querida companheira Marisa,

Minha querida companheira Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu querido companheiro Carlos Henrique Almeida Custódio, presidente da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos,

Carmem Oliveira, presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente,

Senhora Silvana Galina, presidente do Fonacriad,

Senhora Taíza Lima, representante do Serviço Federal de Processamento de Dados,

Senhora Karine Wernz, gerente de Cidadania Empresarial do Banco do Brasil,

Nosso querido companheiro Marcos Frota,

Nosso companheiro Roberto da Silva,

Meu querido companheiro Moisés,

Meus amigos,

Minhas amigas,
Adolescentes, crianças, pais, avós,
Companheiros e companheiras,

Eu queria primeiro pedir para o Roberto, se estiver aqui ainda, e para o Moisés, virem aqui para perto de mim. Vocês tiveram, na apresentação inicial, a vida do Moisés, que fez um pronunciamento. Vinte e seis anos de idade, ex-interno da Febem e, hoje, vigilante. Portanto, eu não vou dizer o que o Moisés passou. Vocês viram também a vida do nosso companheiro Roberto, ex-interno da Febem, em São Paulo, e hoje professor da USP. Eu, que não estive interno nem na Febem e nem em outro lugar, estive interno na minha casa apenas, hoje presidente da República.

Paulinho, com todo o carinho aos companheiros que trabalharam nas informações, eu não gostaria de ler o meu discurso, porque tudo que está no meu discurso já foi dito pelos companheiros que me antecederam, pelas medidas que eu assinei aqui e, portanto, eu queria me dirigir um pouco à juventude que está aqui presente.

Amanhã é Dia da Criança. Nós somos educados de que o Dia da Criança é um dia para as crianças ganharem presentes. Eu não sei quantos presentes você ganhou quando era criança. O meu primeiro presente fui eu mesmo que comprei, aos 17 anos de idade. Naquele tempo, a gente chamava bola de capotão e, como eu não podia comprar uma bola de capotão, comprei uma bola de borracha que, quando bateu no primeiro espinho, furou. O meu segundo presente foi aos 18 anos de idade, já com o meu salário. Comprei uma bicicleta, que era um sonho que eu tinha, uma bicicleta velha. Essa desgramada dessa bicicleta tinha um problema na corrente, eu dava duas pedaladas e tinha que descer para consertar a corrente da bicicleta. Eu passava mais tempo ajoelhado, tentando consertar a corrente, do que andando de bicicleta.

Eu estou dizendo isso porque amanhã é o Dia da Criança e muitas crianças, certamente, irão ganhar presentes. Outras crianças não irão ganhar presentes e, certamente, isso não pode e não deve mudar a vida das pessoas. Eu me lembro de um dia, Roberto e Moisés, eu morava em Vicente de Carvalho, entre Santos e Guarujá, era um bairro muito pobre e naquele tempo

a prefeitura dava presentes. Eu me lembro que a minha mãe, lá pelas 6h da manhã, pegou na minha mão e fomos para a prefeitura, para esperar o presente. Naquele tempo tinha uns carrinhos de corda, daqueles que nem abridor de lata, que você dava um pouquinho de corda, o carrinho andava meio metro, e já era uma maravilha do mundo. Eu sonhava com um carrinho daqueles. Nós ficamos até as 2h da tarde na fila e, quando chegou a minha vez, simplesmente minha mãe foi comunicada que tinha terminado os presentes.

Aquilo não mudou a minha vida e não mudou por quê? Porque para superar essa coisa material que tanto agrada a gente – agrada por um dia, por uma semana, porque depois os brinquedos ficam jogados num canto, quebram – para superar tudo isso é preciso uma palavra mágica, na verdade, duas palavras mágicas: carinho e afeto. É a gente saber que dentro de casa a gente tem muito carinho, muito afeto e muita compreensão entre a nossa família. O exemplo está aqui neste palco.

Eu sei que muitas meninas que estão aqui, muitos meninos, podem chegar às suas casas, hoje, e podem até ter desavenças entre o pai e a mãe. Alguém poderá estar desempregado, poderá ter problema financeiro dentro de casa, as pessoas não estão bem na escola e começam a ficar desesperadas. O que é sagrado é o exemplo destes dois jovens aqui. Eles tinham tudo para não dar cento. Todo ser humano nasce com um diabinho puxando a gente para fazer coisa ruim, de um lado, e um anjo puxando a gente para fazer coisa boa, do outro. Muitas vezes, a gente cede para aquele que oferece mais facilidade para a gente e, certamente, a droga oferece facilidade, porque ela te oferece o esquecimento dos problemas quando, na verdade, você não tem que esquecê-los, você tem que enfrentá-los, derrotá-los e se tornar um vencedor nessa luta cotidiana de cada um de nós.

Então, certamente a coisa ruim puxou o Moisés para um lado, e quem era o anjinho dele? Vocês viram a cara da mãe dele, a cara de uma mulher sofrida mas, ao mesmo tempo, uma mistura de sofrimento com uma mulher vitoriosa, porque ao invés de ficar desesperançada com o filho que tinha, que tinha procurado nas drogas a vida fácil, ela foi à luta para recuperar aquele que tinha saído de dentro da sua barriga e que, portanto, ela tinha responsabilidade sobre ele, não deixou apenas para o Estado cuidar. Certamente, mais do que

qualquer coisa que o Estado fez, foi o apego da mãe deste menino, e quem sabe, ele ficou apaixonado por aquela menina. Essas duas coisas motivaram o Moisés a dizer: “Eu não vou ser vencido pela droga, eu não vou ser derrotado pela polícia, eu vou vencer e vou vencer pelo amor da minha mãe, pelo amor da minha mulher, pelo amor da minha vida, e porque eu quero ser um brasileiro decente”. Essa é uma coisa marcante que pode ser contada para vocês como eu estou contando, porque, certamente, vocês conhecem pessoas, como o Moisés, que se levantam de manhã resmungando que nada dá certo, que a vida não presta, que o pai não está dando o que elas precisam, que não tem o presente que elas precisam, que não têm nada. Há sempre uma razão para a gente reclamar, mas haverá sempre uma razão maior para a gente vencer o desânimo e vencer na vida.

Por isso, eu queria render as minhas homenagens a este companheiro que muito cedo resolveu enfrentar a adversidade e hoje, com muito orgulho, apresenta o seu crachá de vigilante. Quem sabe, daqui a alguns anos, como eu, estará apresentando a sua faixa de deputado, de senador, de governador, até de presidente da República, de engenheiro ou de uma coisa muito mais importante. O importante, meu filho, é não parar. Eu posso te dizer uma coisa: o lado bom é infinitamente melhor do que o lado ruim que, muitas vezes, parece ser fácil para nós. Não tem coisa fácil na vida humana, nós temos que vencer cada minuto, cada segundo, cada obstáculo, vencer cada adversidade para a gente poder dar razão à coisa mais extraordinária que Deus criou, a nossa vida. Meus parabéns, meu querido, e parabéns à sua mãe, esta santa vencedora.

O Roberto nasceu com tudo que uma criança – neste País de algum tempo atrás, porque está melhorando – nasceu com tudo para não dar certo. Nasceu moreno, na verdade nasceu um negrão simpático. Eu imagino que quando criança era um negrinho muito bonito, gordinho, cheio de graça. Este homem, por razões que não são apenas econômicas... É importante lembrar que não são apenas as razões econômicas que levam uma família a desandar, que levam uma família a um processo de desagregação, porque se fosse assim minha mãe não teria criado oito filhos na maior miséria do mundo. Tem outra coisa mais forte do que a questão econômica que, na minha opinião, é a falta de harmonia entre a família, é a desagregação da estrutura da família, às

vezes o álcool, às vezes a brutalidade e, muitas vezes, causados pelas questões econômicas.

Este menino foi tirado de casa aos dois anos de idade. A ignorância do Estado achou que podia cuidar dele. Este menino tinha que escolher se apanhava com cassetete de borracha, se apanhava com cassetete de madeira ou se apanhava com corrente de motor. Aos 12 anos de idade ele tinha que escolher: “Você quer cassetete de borracha, quer cassetete de madeira ou você quer corrente?” E ele disse que preferia o cassetete de madeira porque não deixava marcas. Ele ainda queria apanhar. Não é que ele quisesse. Apanhar ele apanharia, querendo ou não querendo, mas ele escolhia o instrumento que iria fazê-lo sofrer. O que aconteceu com este moço? Ele poderia ter piorado, ele poderia ter virado um marginal, ele poderia ter ficado mais violento. Mas, em algum momento da vida dele, a coisa boa dentro dele venceu qualquer outra adversidade e fez este menino ir para a escola estudar. Hoje, talvez, qualquer diploma é bonito, mas o diploma de um negro que nasceu na miséria, abandonado aos 2 anos de idade, que virou doutor na universidade de São Paulo, é um diploma mais valioso do que muitos outros diplomas que são tão iguais neste País.

Pois bem, o que eu estou dizendo aqui é para passar uma mensagem para vocês. E eu vou passar essa mensagem enquanto eu puder passá-la. É que a vida é a coisa mais sagrada que o ser humano tem, a vida é a coisa mais extraordinária e, portanto, nós precisamos vivê-la com alegria, com prazer, com satisfação, praticando todo dia gestos de bondade e solidariedade, gestos de companheirismo. Os adolescentes deste País, por pior que seja a sua situação, precisam acreditar que serão capazes de vencer, como estes dois venceram, não podem se entregar. Se não estão bem na escola, vamos estudar, se não estão bem, vamos dedicar uma hora.

Eu não estou pedindo para as crianças passarem o dia inteiro deitadas numa cama com um livro, lendo, não. Podem brincar, relaxem, namorem, mas dediquem algumas horas para estudarem a sério, porque o que vocês não estudarem agora, vocês vão se arrepender quando estiverem mais idosos, quando vocês precisarem procurar o mercado de trabalho. Essa é a idade mais extraordinária da vida humana, entre 15 e 25 anos. A gente pode tudo, a gente tem saúde para tudo, a gente não pensa em morte, a gente não pensa em

dissabor, a gente não pensa em velhice, a gente não pensa em doença, a gente não pensa em nada. Às vezes, a gente não quer nem estudar, às vezes a gente não quer fazer nada sério porque a vida é muito boa. Ah, se a vida fosse só facilidades! Mas, para que a gente colha uma média, da vida inteira, de qualidade, é preciso que a gente aproveite cada etapa da vida. E tem uma etapa, que é a dos adolescentes, que é a de vencer as adversidades. Imaginem, vocês, quantas pessoas podem se espelhar nestes dois companheiros.

Eu quero dizer para vocês que não existe espaço para a gente fracassar. Se eu tivesse que desistir da vida a cada derrota que eu sofri na vida, eu não estaria aqui. A cada derrota que eu tinha, Roberto, cada coisa de ruim que me acontecia, cada coisa que parecia que o mundo ia acabar, era uma razão a mais para eu levantar a cabeça e lutar um pouco mais. Eu perdi três eleições para presidente da República. Qualquer outro teria abandonado a vida política. Eu entendia que eu ia chegar lá, era preciso lutar. A cada vez eu que eu perdia, eu criava mais coragem, eu me animava muito mais, eu viajava muito mais. Eu cheguei aqui e sei de onde eu vim, sei o que eu passei. É por isso que nós precisamos aproveitar esse mandato para a gente construir as coisas que precisam ser construídas. Nós não vamos recuperar os prejuízos causados a este País em apenas quatro ou oito anos, vai levar algumas décadas para a gente recuperar. O que é importante é que a gente faça juntos, o que é importante é que a gente construa juntos. O que é importante é que vocês olhem para o governo e percebam que o governo não vai resolver todos os problemas, mas o governo não é alheio aos problemas de vocês. O governo não quer ser pai nem mãe, o governo quer ser apenas o indutor de políticas públicas que possam ser aquela esperança, que possam ser aquela chance que vocês esperam na vida.

Meu querido companheiro Paulinho Vannuchi, mas uma vez eu quero te agradecer, agradecer à sua equipe, agradecer aos Ministérios que estão interagindo com a Secretaria dos Direitos Humanos, para dizer para vocês: Obrigado, Paulinho. Nós ainda não fizemos tudo, temos muita coisa para fazer mas, certamente, se todo mundo tivesse feito pelo menos o que nós estamos fazendo, o Brasil não teria tanta gente sofrendo neste País.

Muito obrigado, feliz Dia da Criança, e que Deus abençoe todos vocês.